

Colóquio Internacional: **Élisée Reclus e a** **Geografia do Novo Mundo**

6 a 10 de dezembro de 2011
Laboratório de Geografia Política
Departamento de Geografia - Universidade de São Paulo
São Paulo – Brasil

Reclus e o estudo das cidades: Um discurso geográfico inovador

Antonio Marcos Dascanio¹
Gizzele Oliveira Nunes Colares

“É do homem que nasce a vontade criadora que constrói e reconstrói o mundo”. (RECLUS)

Resumo

Este artigo trata-se de uma breve análise de algumas obras de Reclus em relação aos seus estudos sobre as cidades. Inicia-se com a história e contexto de sua vida, compara seu discurso com alguns geógrafos da época e, por fim, discute a inovação de suas obras em relação ao estudo das cidades.

Palavras Chave: Reclus; Cidade; Geografia, Anarquista.

Introdução

Este artigo destina-se ao estudo da concepção/análise de Jean Jacques Élisée Reclus sobre as cidades. Comparamos Reclus com outros autores de sua época para revelar a modernidade e a inovação de sua concepção/análise no período no qual viveu. Destacamos sucintamente que os fatos de sua vida – a militância política, as viagens, a prisão e o exílio - que mesmo com agruras, ao contrário de desmobilizá-lo, acabaram por aguçar-lhe a visão

¹ . Graduandos do 2 ° semestre do curso de Geografia da Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo.

como geógrafo e como anarquista. Homem de seu tempo, Reclus propôs-se a pensar as cidades como um todo e, expondo de forma categórica, os elementos constantes de sua formação: a desigualdade entre as classes, a busca do equilíbrio, ou a quebra deste, o aperfeiçoamento do homem enquanto pessoa.

Este texto trata do pensamento de Élisée Reclus expresso principalmente na obra “O Homem e a Terra”- Repartição dos homens, publicada originalmente em 1905 em Paris e também no artigo “Renovação de uma cidade”, elaborado com Élie Reclus, publicado em 1896 pela revista *Société Nouvelle*. Utilizamos também os textos “Da ação humana sobre a Geografia Física”, publicado em 1864 na *Revue des Deux Mondes*, bem como por meio de leitura de autores que fizeram análise de sua obra em português, caso do Ruy Moreira (2010) e Manuel Correia de Andrade (1985).

O objetivo deste trabalho é analisar o desenvolvimento das cidades sob a ótica de Reclus, demonstrando a atualidade de seu discurso e a inovação de seu pensamento. Para a consecução deste objetivo consideramos o contexto do período em que o autor viveu, sua postura ideológica, assim como evidenciamos o porquê da inovação do discurso geográfico do autor comparando-o a outros geógrafos contemporâneos como Vidal de La Blache e Ratzel, dois expoentes da chamada Geografia Moderna (MORAES, 1989).

O interesse de Reclus pelo “rurbanos”, termo utilizado por Philippe Pelletier (2010) no prefácio de “A cidade e a geografia urbana em Élisée Reclus e sua época” instigou-nos ainda mais, dadas as condições de São Paulo com seu cinturão verde, a ocupação das várzeas, a utilização dos rios como local para despejo de dejetos, a caracterização da paisagem de áreas da cidade sob influência de determinados grupos ou classes sociais e categorias profissionais. Apesar das diferenças no espaço e no tempo.

Chamou-nos atenção também a paixão de Reclus em tomar o homem como a unidade capaz de transformar as relações que por fim modelariam o próprio Estado. Cabe-nos, pois entender um pouco da vida do autor, para entender seu discurso.

Reclus: Breve Biografia

Jean Jacques Élisée Reclus, nasceu na cidade de Sainte-Foy-la-Grande em 15 de março de 1830. Sua mãe era professora primária e seu pai pastor calvinista. Aos 13 anos foi

para a Alemanha para aprofundar os estudos religiosos. O pai desejava que ele e o irmão mais velho, Élie, fossem pastores. Élie Reclus, biólogo, foi seu grande companheiro anarquista e confidente, tendo mesmo participado com artigos em suas obras. Os problemas com os educadores vieram logo e ele deixou a escola. Tentou então o curso de teologia protestante, mas foi expulso por conta de seus ideais republicanos. Retorna para a França e a casa dos pais. De volta à Alemanha, passa a trabalhar como professor-repetidor (ANDRADE, 1985).

Em 1851, vai cursar a universidade e toma contato com o geógrafo alemão Karl Ritter². Tudo indica que desse encontro nasce a paixão pela Geografia. Diante das configurações políticas, no mesmo ano retorna a França para participar da resistência ao golpe de Napoleão III. Temendo a prisão, vai à Inglaterra e depois para a Irlanda. Conhece a realidade de exploração dos ingleses aos irlandeses e segue, com esses, o fluxo da migração que o leva ao sul dos Estados Unidos em 1852.

Ao presenciar a escravidão e o compromisso da Igreja Protestante com o latifúndio rompe com a religião que defendia e torna-se ateu. Em 1855, viaja para a América Latina e tenta estabelecer uma colônia de europeus na Colômbia. Frustrado, em 1857 retorna a França onde a passa a viver de seu aprendizado nas viagens publicando artigos. Seu estilo de escrita conquista seguidores pela leveza e acessibilidade, ganha fama e, em 1862, passa a integrar a Sociedade Geográfica de Paris. Conhece o líder anarquista Mikhail Bakunin em 1864 e tornam-se amigos até a morte deste. Reclus inclusive discursou em seu sepultamento. Em 1869 publica a obra: “A Terra – descrição dos fenômenos da vida do globo”. Este livro lhe rende ainda mais notoriedade. Talvez motivado por isso, em 1870 candidata-se a Assembleia Nacional e não se elege. No mesmo ano, alista-se nas forças regulares do exército para lutar na guerra franco-prussiana. Tinha então, 40 anos.

Após a derrota francesa e um governo fraco, prontificou-se em atender as exigências germânicas. Os irmãos, Élie, Élisée e Paul Reclus colocam-se em armas junto da população parisiense para enfrentar a Alemanha (Prússia) e os reacionários franceses. Era a Comuna de Paris.

Aprisionado de armas em punho, Élisée Reclus é preso. Julgado por um tribunal

² . Karl Ritter é considerado por Antonio Carlos Robert Moraes (1989) um dos principais geógrafos da Geografia Moderna; contemporâneo de Humboldt o geógrafo Ritter foi um dos precursores da Geografia do que viria ser a Alemanha, viveu de 1779 a 1859.

militar, assume diante desse a responsabilidade pelos seus atos e posições políticas, complicando ainda mais sua situação. É condenado ao degredo perpétuo na Nova Caledônia (Oceania). Entretanto, Reclus já é um nome notável na intelectualidade de então e a pressão internacional faz com o governo comute a pena para dez anos, com permissão para que o rebelde anarquista se estabeleça na Suíça. Com um novo contrato com Hachette, sua editora dos livros anteriores, Reclus vive na Suíça até 1889 e escreve a “Nouvelle Géographie Universelle”, obra em 10 volumes, depois ampliada para 19 volumes (ANDRADE, 1985). O também geógrafo e anarquista russo, Piotr A. Kropotkin colabora com artigos sobre o Extremo Oriente e a Sibéria nesta obra.

Conta-nos a professora Béatrice Giblin, maior conhecedora da vida e obra de Reclus, nas palavras do professor Manuel Correia de Andrade (1985), que Élisée Reclus teve que se autocensurar na elaboração dos textos causando disparidade entre uns e outros volumes. Segundo Giblin, o editor salientou que estava contratando o trabalho do geógrafo e não do anarquista.

Apesar da censura e exigências de contrato, Reclus fez várias viagens para a conclusão da “Geografia Universal”. De 1884 a 1890 esteve nessa ordem, na Argélia, Tunísia, Egito, Hungria, Turquia, Armênia, Curdistão, Itália, Estados Unidos, Canadá, África do Sul, Espanha e Portugal. Em 1892, retorna a Paris para ser homenageado com a medalha de ouro da Sociedade Geográfica de Paris. Faz sua última grande viagem em 1893, visita o Brasil, Argentina, Uruguai e Chile.

Em 1894, participa da fundação da Nova Universidade Livre de Bruxelas. Livre da censura, escreve em 1897 em seis volumes sua obra máxima: “*L’homme et la Terre*” (O Homem e a Terra). Teve seus últimos anos na Bélgica, onde lecionava, tornando-se titular da cátedra somente aos 64 anos. Faleceu em 4 de julho de 1905 na cidade de Thourout.

Comparando Reclus com alguns geógrafos do período

Reclus foi contemporâneo de Ratzel e Vidal de La Blache, este último embora francês não tinha afinidade com o discurso de Reclus.

Ratzel é considerado o precursor da geopolítica alemã, com teorias sobre “espaço vital”, vinculando as necessidades e relação do povo com o território. Enquanto Friedrich

Ratzel³ defendia que “Uma política estatal correta é a de evitar que as dissensões que ocorrem no interior da sociedade se transformem em conflitos geografizados”, negando desta feita a individualidade libertária, Élisée Reclus faz de sua Geografia uma constante afirmação do homem livre, ou da necessidade de que isto ocorra, para que as sociedades alcancem o progresso e desenvolvimento verdadeiro. Portanto, sua Geografia embora considere a mediação do homem com a natureza, em suas obras aparecem também a condição do indivíduo, bem como a relação entre os homens.

No meio termo está Paul Vidal de La Blache, geógrafo francês. Se por um lado La Blache nega as afirmativas deterministas de Ratzel na constituição do Estado e a concepção do povo como uma unidade, por outro não confronta as diferenças sociais. Ao ler seus textos (LA BLACHE, 1898; 1954) passa-nos a impressão que os grupos humanos são uno internamente, o que os diferencia dos demais grupos são sua relação com a natureza mediada pela cultura, história e técnica. Para La Blache os grupos humanos interagem com o meio, havendo distinção entre os povos primitivos e civilizados nesta relação, segundo o autor. Sendo assim, as cidades são produto principalmente dos povos civilizados, que alcançaram nível técnico que lhe permitiram construir e aglomerar grupos humanos e cidades. O autor enfatiza a questão da cidade e os meios de transporte, sobretudo o papel desempenhado pela ferrovia naquela época. Dizia La Blache:

Muitas frações da humanidade não ultrapassaram esse estágio. Em toda a parte da África que ainda não foi modificada pelas influências européias ou árabes, não existem cidades no verdadeiro sentido da palavra; não se pode dar o nome de cidades a aglomerações de palhoças que não têm, por assim dizer, nem corpo nem alma, nem mesmo a residências efêmeras de potentados destinados a desaparecer com o capricho que as fez nascer. São criações que ainda não desenvolveram profundas raízes no solo. (LA BLACHE, 1898, p. 8)

Define também o papel da natureza como fundamental nas ocupações humanas e na constituição das cidades, mas sempre analisando o homem, enquanto grupo humano, como construtor das paisagens. Assim disse ele:

Nesta hierarquia de formas de agrupamento, a cidade representa num grau de destaque a emancipação do meio local, uma dominação mais

³ (RATZEL, Friedrich. La Géographie Politique – Paris, Fayard, 1987)

forte e mais ampla do homem sobre a terra. A natureza, para isso, sem dúvida, preparou os sítios: nas passagens ou embocaduras dos rios, nas saídas das montanhas, no contato das zonas de climas muito diferentes. Mas é o homem quem cria o organismo. (LA BLACHE, 1898, p. 8).

Em *La Géographie Humaine* de 1910, Jean Brunhes definia a Geografia de Reclus: “[...] é sobretudo história e sociologia [...]”. Não entraremos nessa contenda, mas, ficaremos com Reclus que afirma no prefácio de “O homem e a Terra” que “[...] a Geografia é a História do espaço, enquanto a História e a Geografia do tempo”. Logo, devem ser pensadas como conhecimentos indissociáveis. Mas, tanto Ratzel como La Blache consideravam a história como importante para o entendimento da Geografia, fosse na antropogeografia proposta por Ratzel ou na Geografia Humana de Vidal de La Blache (1955).

Apesar das afirmativas de vários autores sobre o conflito havido entre o pensamento reclusiano e o vidalino, não devemos deixar de registrar, que essa contenda acontece entre os seguidores de ambos os geógrafos franceses. Ao menos é o que nos parece, já que não encontramos registro de ocasião em que haja contraponto de ideias entre esses pensadores⁴. Mesmo que suas obras de peso tenham sido publicadas no mesmo ano, 1905, e que a diferença de idade entre os dois, Reclus e La Blache, seja de apenas 15 anos.

Segundo o professor Ruy Moreira (2010), a atuação de Reclus nos fóruns internacionais em que participara; a fundação da Primeira Internacional dos Trabalhadores; e sua condição de exilado deu-lhe as condições de uma análise mais continental. Enquanto que Vidal concentra-se em entender a evolução humana na mediação com o meio. Então, como nos alerta Boino (RECLUS, 2010), são concepções geográficas distintas, particulares, com matrizes teóricas e, sobretudo com posições ideológicas distintas. Não nos esforçaremos em rivalizar essas concepções, mas nos parece inevitável a comparação das conclusões a que cada um dos dois geógrafos fizeram em seus discursos, assim como seus grupos afins.

Sobre a questão urbana, retiramos de Philippe Pelletier⁵ (RECLUS, 2010) a informação de que Emmanuel de Martonne, seguidor de La Blache, adverte na introdução de

⁴ Assim nos diz Paul Boino em seu artigo; “O Pensamento Geográfico de Élisée Reclus”, publicado na brochura *Élisée Reclus, Les Éditions Libertaires, Paris, 2008*; que serve de introdução a obra “Da Ação Humana na Geografia Física” na edição brasileira de 2010 (RECLUS, 2010).

⁵ PELLETIER, Philippe. A cidade e a Geografia Urbana em Élisée Reclus e sua época.

“Les Principes de Géographie Humaine” de Vidal de La Blache que “só podemos extrair sobre esse assunto [as cidades] algumas páginas, espécie de introdução ou sumário”.

Ainda sobre Vidal de La Blache, Paul Boino revela que no quadro geográfico da França apenas cinco páginas são destinadas a Paris, com quantidade idêntica de páginas sobre urbanismo em “Os Princípios da Geografia Humana” (1955).

Embora em Reclus os estudos sobre as cidades também não fossem numerosos, a perspectiva do estudo do urbano são inovadores.

Reclus em seu tempo e a inovação de seu discurso

Reclus foi contemporâneo dos grandes geógrafos: Ritter, Ratzel, La Blache, Kropotkin e Brunhes. Para além da Geografia, Élisée Reclus conviveu com outros intelectuais brilhantes. Ainda que para a divergência, as polêmicas entre anarquistas e comunistas na Internacional Socialista devem com certeza ter interferido e influenciado no aprimoramento de sua elaboração política, pois não imaginamos ser tarefa pequena debater com Marx e Engels, dentre outros.

Na militância política, Reclus conheceria homens que iriam fazer parte de suas relações mais próximas. Em Mikhail Bakunin encontrou o ideólogo do comunismo libertário que lhe influenciou desde o princípio da amizade em 1864. Também, por conta dos contatos anarquistas, conheceu Piotr Alexeyevich Kropotkin, geógrafo e anarquista russo. Kropotkin iria contribuir em suas obras. Reclus prefaciou a primeira edição do manifesto escrito por Kropotkin: “A Conquista do Pão”.

Temos que a Geografia do século XIX e do início do século XX, ainda era marcada pela descoberta do mundo. (PELLETIER, 2010). Os primeiros anos de 1900, nas décadas de 1910 e 1920 trouxessem novidades impensadas, anunciando de forma definitiva os processos de transformação pelos quais os mais variados setores das sociedades passariam. No século das duas Grandes Guerras muito do que estava estabelecido nas ciências e conceitos largamente debatidos nas academias foram paulatinamente derrubados ou postos a prova.

No caso de Reclus, seus apontamentos possuem uma dialética libertária e a dinâmica de sua percepção anarquista do espaço geográfico não permite estagnação. Na afirmação de Reclus: “É do homem que nasce a vontade criadora que constrói e reconstrói o mundo”

(RECLUS, 2010a, p. 49).

Neste sentido seu discurso é inovador, porque não vê apenas a relação homem e meio, mas também as relações entre os homens como fator importante no entendimento de sua Geografia.

Reclus é considerado por Yves Lacoste o geógrafo francês mais importante e o primeiro geopolítico. Vários outros professores lhe colocam como pioneiro em uma série de estudos próprios da Geografia. Dmitry Nikolayevich Anuchin defende que Reclus forjou o conceito do meio ambiente geográfico.

Nos anos finais de sua vida Reclus estava sem compromissos com editoras. Claro que seu espírito rebelde não se baseava somente na possibilidade em auferir dinheiro com suas obras. O fato é que a vida no exílio e os anos de prisão, a privação da companhia da família, cremos, devem ter-lhe levado a aceitar as exigências da Hachette quando das publicações anteriores.

É importante também registrar, que a edição da obra “Nouvelle Géographie Universelle”, Reclus estava vivendo na Suíça e as viagens de expedição e exploração devem ter sido custeadas pela Hachette ou pelo retorno dos livros editados por esta. Aos 67 anos, envolvido em sua obra, “O Homem e a Terra”, Élisée Reclus estava livre para finalmente por em seus escritos toda a pujança dos ideais anarquistas que professou por toda a vida. Além da paixão, característica forte do estilo do geógrafo, Reclus ainda traz uma série de inovações ou preocupações que só iriam ocupar as pautas acadêmicas da humanidade cerca de sete décadas depois, principalmente com a chamada Geografia Crítica⁶. A crítica de Reclus sobre a forma de vida nas cidades – marcadamente as condições dos trabalhadores.

Enumerava ainda alguns projetos de reestruturação de determinadas áreas urbanas como positivos do ponto de vista econômico e de concepção arquitetônica, com preservação ou retomada de características culturais, mas que, entretanto, os mesmo se destinam a atender aos mais ricos e que esses projetos empurravam os ocupantes pobres para os subúrbios das cidades. Destacava que este tipo de intervenção revalorizava e modernizava estas áreas – condenando os antigos ocupantes a percorrer enormes distâncias para poderem trabalhar e que as condições de saneamento para essa população no subúrbio em

⁶ A Geografia Crítica é considerada por alguns autores como Antonio Carlos Robert de Moraes (1995) um movimento inovador e renovador da Geografia, no qual a sociedade desigual é considerada na produção do espaço. No Brasil esta perspectiva foi mais comum após final dos anos 70 do século XX.

nada melhorava em relação aquelas vividas na cidade. Conforme afirmou Reclus (2010c, p. 68):

Todavia, numa sociedade na qual os homens não tem assegurado o pão[...] é só um bem parcial transformar os bairros insalubres, se os infelizes que outrora os habitavam encontram-se expulsos de seus antigos casebres, para irem procurar outro subúrbio [...].

Com relação às altas taxas de mortalidade, Reclus apontava o saneamento como causador desse fato, antecipando os futuros métodos de transição demográfica adotados pela ONU para demonstrar o nível de desenvolvimento dos países (RECLUS, 2010c).

Reclus afirma também que quando o homem conhecer toda terra da qual se diz senhor, então a Geografia ganhara em profundidade e os estudos relativos à disciplina serão verticais e não mais destinados a “percorrer as terras longínquas”. (Reclus *apud* ANDRADE, 1985, p. 44).

Dentre outros apontamentos impressionantes para a Geografia da época, Reclus segue sua análise com a assertiva de que a agricultura seria uma grande indústria científica ao desenvolverem-se plenamente a Física, a Química e a Meteorologia (ANDRADE, 1985, p. 46). Assistimos hoje ao crescimento do agronegócio e a criação de grande conglomerados multinacionais dos alimentos. No mesmo plano, a manipulação de sementes tem gerado polêmica sobre o consumo seguro de transgênicos. Logo, trata-se de um discurso inovador para a época, que aliava atividade econômica e ciência como fatores que tinham relação. Dizia ainda que as reservas de água artificiais seriam maiores dos que as naturais e delas dependeriam a chuva e outras condições climáticas (ANDRADE, 1985).

Há, porém, em Reclus outros aspectos relevantes de suas observações e análises. Inova ao apontar as cidades como espaços únicos, pois, segundo ele, são a expressão das classes e dos conflitos inerentes às relações ensejadas por essas. A ousadia de Reclus reside na tomada de posição, bastante distante das de seus contemporâneos, geógrafos ou não. O comunismo libertário defendido por ele incomodava na época de uma Geografia descritiva e sem preocupação em evidenciar as diferenças sociais.

Segundo Reclus, é importante conhecer os fatores negativos e atrativos que arrastam trabalhadores do campo para as cidades. Reclus dedicou-se a compreender esse fenômeno e guardou sempre uma ojeriza pelas grandes cidades, não pela grandiosidade dessas

complexas aglomerações de pessoas, mas pela organização desigual das mesmas. (PELLETIER, 2010).

Assim disse Reclus (2010c, p.33):

A múltipla obras das cidades, para o bem e para o mal, prefigura-se nas paixões e na vontade das pessoas fugindo do campo ou dos vilarejos para encontrar uma vida mais ampla, as vezes, o declínio e a morte, numa grande cidade.

Reclus destacava também que depende das cidades a evolução de uma sociedade e que a estagnação destas está relacionada diretamente a uma crise da sociedade em que está inserida. Ainda, que cada cidade guardasse uma particularidade, com vida e história, dotadas de moral (RECLUS, 2010c). Dessa forma, relatou o autor: “Mas a cidade também é uma personagem muito complexa, e cada um de seus diversos bairros distingue-se dos outros por uma natureza particular” (RECLUS, 2010c, p. 53).

Na afirmação de Reclus a natureza não era apenas a “natural”, mas também a socialmente produzida. Nesse processo fica evidenciada a formação do próprio espaço, interferindo diretamente na constituição das cidades e nas relações sociais dos homens nas cidades.

Segundo o autor havia dualidade entre o novo e o velho, mesmo em cidades modernas, mas que guardavam aspectos do passado. Neste sentido não se trata somente da mediação dos homens com a natureza, mas também o tempo histórico e a sociedade produzindo diferenças nas cidades. Embora o autor reconheça o papel da natureza na mediação e conformação das cidades, ao distinguir que natureza pode propiciar condições que facilitem a construção e os assentamentos, dá vários exemplos de que não é só isto que se relaciona com o sítio e as condições das cidades.

Reclus é conhecido pela sua análise da sociedade, na qual considera a existência de grandes diferenças sociais intensificadas a partir do uso da propriedade privada. Assim, em seu texto sobre as cidades, ele deixa clara a diferença no processo evolutivo de duas cidades com as mesmas condições “geográficas”, já que muitas vezes são completamente diferentes na forma em que ocupam o espaço. Por sua vez, cidades próximas quando têm interesses em comum, tendem a formar alianças ou pelo menos se ajudarem mutuamente a fim de desenvolverem-se juntas. Logo, não se trata apenas da relação da sociedade com a natureza ou do homem com o meio.

Segundo o autor, as cidades são únicas, pois elas são a representação física das classes que nela habitam. Diferentes bairros, com diferentes padrões, composto por singularidades é o que forma uma cidade. Contudo, a partir disso, consegue avaliar a complexidade não apenas dos habitantes, mas da formação social desta e de suas formas. E com isso, pode-se dizer que as cidades têm múltiplas faces.

Reconhecemos no pensamento de Reclus, indicações das funções das estruturas sociais e das finalidades e interesses privados. Entretanto, após diagnosticar esta organização social, Reclus aponta o indivíduo, a pessoa, como o motor de transformação das sociedades.

A singularidade do pensamento reclusiano não se esgota em diagnosticar o conflito das classes, mas segue apontando o homem como agente final da ação libertária que, dotado de consciência, redirecionaria toda a vida em sociedade para novos parâmetros de desenvolvimento. Conforme seu pensamento a seguir:

Já vimos o bastante, já vimos em demasia dessa exploração cada vez mais cruel do homem pelo homem, demasiado dessa “produção de riquezas”, isto é, da pauperização da maioria em proveito de uma minoria cada vez mais restrita “[...] Que nos deem, enfim uma sociedade humana que seja pelo menos digna das outras sociedades de animais, tais como as repúblicas das formigas e das abelhas, dos groues e das andorinhas! Adquiramos, enfim, a liberdade de ser felizes! Necessitamos de fraternidade – de fraternidade entre os povos e as nações, fraternidade entre os homens. (RECLUS, 2010, p. 83)

Concluimos que as análises geográficas de Reclus são inovadoras em termos de abordagem para o período em que foram publicadas, e, também dotadas de aspectos visionários, já que algumas de suas ideias ainda nos parecem atuais, mesmo que sob novos contextos sociais e espaciais.

Referências

ANDRADE, Manuel Correia de. (org.) **Élisée Reclus**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

BLACHE, Vidal de la. **Princípios de Geografia Humana**. Lisboa: Cosmos, 1954.

LA BLACHE, Paul Vidal. A Geografia Política: a propósito dos escritos de Friedrich Ratzel. Paris, 1898. Tradução: Rogério Haesbaert e Sylvain Souchaud. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewArticle/81>. Acesso em 10/06/2011.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **A gênese da Geografia Moderna**. São Paulo: Hucitec, 1989.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1995.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes clássicas originárias**. São Paulo: Contexto, 2010.

PELLETIER, Philippe. A cidade e a Geografia Urbana em Élisée Reclus e sua época. In: RECLUS, Élisée; RECLUS, Elie. **Renovação de uma cidade. Repartição dos homens**. Tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Expressão & Arte: Editora Imaginário, 2010.

RECLUS, Elisée. **Da ação humana na Geografia Física: geografia comparada no espaço e no tempo**. São Paulo: Editora Imaginário, 2010a.

RECLUS, Élisée. **O homem e a Terra: a cultura e a propriedade**. São Paulo. Expressão e Arte: editora Imaginário, 2010b.

RECLUS, Élisée; RECLUS, Elie. **Renovação de uma cidade. Repartição dos homens**. Tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Expressão & Arte: Editora Imaginário, 2010c.